

## NECROLÓGIO

Germano Sinval de Faria



Mais do que tudo quanto tenha sido dito e escrito e o que se venha a falar sôbre o Germano, vale a marca da saudade que deixou em todos os que se cruzaram com êle nos caminhos da vida.

Não porque fôsse um alegre extrovertido ou inclinado ao gôzo barulhento das reuniões e encontros novos para arregimentar admiradores.

Pelo contrário, era mais sôbre o retraído e arredio dos encontros com muita gente e sobretudo gente nova.

Não se cansava de dizer-me ao ouvido, que eu era a única pessoa no mundo que êle tinha inveja... inveja no sentido especial de "desejar ser" e não o de "lastimar não ser". Isto tudo por causa do meu permanente bom humor e uma natural alegria permanente que êle sentia faltar-lhe. Em compensação o que lhe sobrava e me fazia falta, era o amor pelo detalhe, pela perfeição, pela exatidão. Nunca, nada lhe

passou pelas mãos que êle não CONFERISSE! A conta do almoço, a tabela de qualquer arrumação de dados por mais insig-nificantes, o número da lei, o do Decreto, tudo êle conferia e tinha um fraco especial para botar o dedo na falha. Por isso e por milhares de pequenos e grandes fatos ocorridos em longos 30 anos de convívio e de colaboração profissional, nos fizemos fraternos amigos. Neste rápido esboço do seu perfil certo, foi essa amizade que constituiu a razão de minha escolha para traçá-lo. É certo que aos mortos estabeleceu a tradição que se exaltassem as virtudes e se esquecessem os defeitos. No caso do Germano, nunca em ocasião alguma tive que contornar a verdade em busca de qualquer excusa, simplesmente porque nunca êle se apresentou vulnerável ao meu julgamento.

A firmeza do seu caráter e a inabalável e recíproca confiança que nos ligava ja-

mais sofreram solução de continuidade embora numerosas, incontáveis vezes, tivessem sido postas à prova.

Estes conceitos não causarão surpresa aos muitos que nos conhecem, embora êles melhor do que ninguém mais, se dêem conta da grande diferença de temperamento e mesmo de opinião que entre nós existia em vários setores. E parece que, talvez por isso mesmo, fôssem mais fortes os laços e mais respeitadas as diferenças.

Germano nunca "fingiu" concordar... mas não raro "aceitou" decisões quando surgia inapelável a necessidade de tomá-las.

Para muitos que não tiveram a ventura de aprofundar relações com Germano de Faria, êle poderá ter-se apresentado como um chefe frio e obstinadamente escravo do figurino administrativo! Dizem que a baixa estatura gera o "complexo Napoleônico" mas, se é inegável que a estatura do Germano justificava o receio, não é menos verdade que êle era o símbolo do desmentido à teoria. O Germano era um gigante de compreensão humana e de grandeza de coração!

Poderia, se fôsse o caso, "aduzir provas ao alegado" às centenas. Contento-me em pedir aos que lerem estas linhas um exame pessoal de situações, pois dificilmente poderia tal exame deixar despercebido algum fato em que a figura do Germano não confirmasse o conceito ora expresso.

No dia em que êle nos deixou houve muitas lágrimas entre homens e mulheres.

Houve tantas e tantas, que não era obviamente um funcionário público ou um chefe de repartição que partia! Era um homem.

*Manoel José Ferreira*

*Nota da Redação:* O Dr. Germano Sinval de Faria foi surpreendido pela morte, a 27 de outubro do corrente, quando em Belo Horizonte realizava supervisão de tarefas e inaugurações de Obras do Departamento Nacional de Endemias Rurais, do qual era Diretor, na companhia do Exmo. Sr. Ministro de Estado da Saúde, Dr. Leonel Miranda.

O Dr. Germano Sinval de Faria nasceu nesta cidade, tendo se formado em medicina pela Escola de Medicina e Cirurgia. Logo depois de terminar o curso médico, ingressou na Saúde Pública, tendo trabalhado no Nordeste do Brasil na campanha de erradicação do *A. gambiae*, com a equipe de Sanitaristas liderados pelo Prof. Manoel José Ferreira.

Exerceu altos postos nos Serviços de Saúde Pública Federal, mórmente no antigo Serviço Nacional de Malária e no Departamento Nacional de Endemias Rurais, onde foi Chefe da Circunscrição de Mato Grosso, Diretor da Divisão de Profilaxia e finalmente, Diretor Geral da Instituição. Era membro efetivo da Sociedade Brasileira de Higiene, de cuja diretoria fêz parte.